

ITINERÁRIOS FEMININOS E DOS BENS NOS CIRCUITOS DO *ROCK METAL*¹

Abda Medeiros (UFC/FVJ)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as experiências das mulheres no universo do *rock Metal*, organizadas em formato de banda ou plateia, nas cidades de Fortaleza e Rio de Janeiro. Verifico de que forma elas se apropriam dos bens materiais e imateriais que caracterizam o rock com menor (ou nenhuma) visibilidade nos meios de comunicação (conhecido como *underground*) e aquele que dispõe de todo um aparato de produção e divulgação ordenado segundo as regras do sistema mundial capitalista. A noção de *bens* na qual me inspiro, é a proposta por Douglas & Isherwood (2009), referindo-se aos meios imateriais e materiais agenciados simbolicamente, tecnologicamente e informativamente, como disfarces das relações sociais. A ideia é de que quando estes, em conjunto com esses homens, mobilizam coisas e pessoas como representativas do mundo dos bens que as configuram, agenciam-nos sob as perspectivas transcultural, afetiva, política e de identificação. Os argumentos apresentados na pesquisa foram colhidos por meio de observação em ambas as cidades, entrevistas, material fonográfico produzido pelas bandas compostas por mulheres e os meios virtuais, pelos quais esses sujeitos compartilham as biografias. Inicialmente, o artigo introduz o leitor ao universo musical do *rock Metal* para, em seguida, dissertar sobre os sentidos e significados inerentes aos saberes e práticas femininas inerentes ao mesmo; por fim, apresenta uma breve reflexão alinhando coisas e pessoas que configuram os itinerários pessoais e artísticos aqui relatados.

Palavras-chaves: Música. Mercado. Feminilidades.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as experiências das mulheres no universo do *rock Metal* nas cidades de Fortaleza e Rio de Janeiro, ambos campos de investigação de minha pesquisa de Doutorado realizada entre os anos 2011 a 2013, nas

¹“Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

²Profª Drª de Antropologia e Sociologia da Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ), em Aracati, CE. Pesquisadora do Laboratório das Juventudes da Universidade Federal do Ceará (LAJUS/UFC), da Rede Luso Brasileira de Pesquisa em Artes e Intervenções Urbanas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) e integra o Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação da Universidade Federal Fluminense, Campus Angra dos Reis (GECULTE/IEAR/UFF). Contato: abdamedeiros@gmail.com

idades de Fortaleza e Rio de Janeiro³. Estas mulheres estão organizadas em formato de banda ou plateia. Verifico de que forma elas se apropriam dos bens materiais e imateriais que caracterizam o rock com menor (ou nenhuma) visibilidade nos meios de comunicação (conhecido como *underground*) e aquele que dispõe de todo um aparato de produção e divulgação ordenado segundo as regras do sistema mundial capitalista.

A noção de *bens* na qual me inspiro, é a proposta por Douglas & Isherwood (2009), e eu me coloco de acordo com esses autores, referindo-se aos meios imateriais e materiais agenciados simbolicamente, tecnologicamente e informativamente, como disfarces das relações sociais nas quais os indivíduos estão envolvidos. O mundo dos bens, também, caracteriza-se pelo fluxo de trocas mediadas pelo dinheiro, escambo ou dádivas que marcam o padrão de periodicidade, circulação, funcionalidade e forma que os revestem.

Desta forma, estabeleço diálogos entre as formas como essas mulheres se inserem nos contextos culturais das cidades citadas, as variáveis simbólicas e materiais que as caracterizam, como se dão as afinidades e diferenciações com os homens que compõem a maioria nesse estilo musical, tornando significativas as dimensões das masculinidades e feminilidades plásticas que caracterizam esses atores sociais. A ideia é de que quando estes, em conjunto com esses homens, mobilizam coisas e pessoas como representativas do mundo dos bens que as configuram, agenciam-nos sob as perspectivas transcultural, afetiva, política e de identificação.

Sendo assim, no caso das mulheres, constatou-se que o acesso a determinados bens materiais e imateriais no que diz respeito ao *rock Metal*, constituem o próprio sistema que elas operacionalizam, ora discriminando, ora reforçando certos padrões de produções e territórios onde aqueles estão alocados; reforçando-os às demais esferas sociais de acordo com as possibilidades nas quais estão imersas, proporcionando por esses mecanismos diferenciações nas formas como os bens são mobilizados e apropriados por esses indivíduos.

Os dados que me possibilitaram os argumentos apresentados na pesquisa foram colhidos por meio de observação em ambas as cidades, entrevistas, material fonográfico produzido pelas bandas compostas por mulheres e os meios virtuais, pelos quais esses sujeitos compartilham as biografias e os trajetos realizados pelos bens materiais e

³ A pesquisa que resultou em Tese tem como título: “Entre a ‘terra do sol’ e a ‘cidade maravilhosa’: rotas, desvios e torneios de valor no rock Metal”. O trabalho foi apresentado ao Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFC), em 2014, sob a orientação da profa. Dra. Lea Carvalho Rodrigues.

imateriais, gerando assim, um mercado próprio.

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS MULHERES NO ROCK METAL

Aos poucos as mulheres foram adentrando no universo da música do Rock. Dos requebros de *Elvis Presley* nos anos 1950 aos *Beatles* dos anos 1960, elas marcaram presença nas plateias fazendo barulho e se adornaram com o mais refinado vestuário e delicadezas. Por outro lado, com a explosão dos *Rolling Stones* no mundo, no melhor estilo *satisfaction*, outras rebeldias delinearam os comportamentos e as atitudes dos afinados com o Rock, inclusive as mulheres, tornando-as sutilmente mais visíveis num universo musical cuja maioria é homens, bem como desconstruindo os estereótipos de submissão e docilidade aparentemente *inatos* ao feminino.

Ao final dos anos 1970, com o surgimento do *rock Metal*, mais conhecido como *Heavy Metal*⁴, e tendo no grupo britânico *Black Sabbath* um de seus referenciais, novas atitudes e tecnologias imprimiram força, peso, velocidade, estéticas e subversões nas formas de compor, vestir-se e se exibir nesse contexto musical. E, mais uma vez, as mulheres compunham o cenário, ainda que timidamente, envolvendo e ficando territórios na história do Rock, a exemplo das norte americanas do *The Runaways* (1975), as britânicas do *Girlschool* (1978) e a alemã Doro (ex-vocalista da banda oitentista *Warlock*).

Ao final dos anos 1980, passando pelos anos 1990 até os dias atuais, a inserção das mulheres como sujeitos históricos na música do Rock⁵, especialmente o *rock Metal* – estilo ao qual me dediquei a pesquisar nos últimos treze anos – mobiliza construções de subjetividades por meio da arte musical, as estéticas e bens materiais e imateriais que representam esse tipo de música, não apenas como formas de *ser* e *estar* no mundo; mas, também, articula-se a outras experiências pessoais e artísticas, com os homens que

⁴Esta é uma das possíveis divisões dentro do gênero *rock*, sendo que, no *metal*, os dois maiores e mais impactantes segmentos são o *trash metal* (cujo significado é batida) e o *death metal* (cujo significado se refere à morte, falecimento), que se fundiram com outras correntes do *Rock*, configurando não apenas um estilo de música mas, acima de tudo, um estilo de vida (LEÃO, 1997, p.16).

⁵Outras mulheres vocalistas dos mais diferentes tipos de *rock Metal*, reconhecidas internacionalmente são: Liv Kristine (ex-Theatre of Tragedy e atualmente Leave's Eyes), Sandra Schleret (ex-Siegfried e atual vocalista do grupo Elis), Sabina Classen (Holy Moses e Temple of the Absurd), Tarja Turunen (ex-Nightwish e substituída em 2013 por Floor Jansen), Michelle Meldrum (ex-Meldrum e Phantom Blue, faleceu em 21/05/2008), Astrid Van Der Veen (Ambeon e Ayreon), Vibeke Stene (ex-Tristania), Floor Jansen (ex-After Forever), Angela Gossow (ex-Arch Enemy e substituída em 2014 por Alissa White Gluz), Stefanie Duchêne (Flowing Tears) e Cristina Scabbia (Lacuna Coil). Fontes: Revista Roadie Crew, nº46, 2003. www.roadiecrew.com. Atualizado em 18/03/2016.

fazem parte deste contexto musical, num constante jogo de interfaces, cuja dinâmica ora se apresenta diferente, ora se excita mutuamente.

Isso porque os posicionamentos e os processos de elaboração mobilizados por esses atores sociais no contexto musical em análise, modelam-se de acordo com as situações com as quais estas mulheres se deparam na medida em que interagem com os homens afinados com esse tipo de música. Daí, a elaboração dessas feminilidades e masculinidades no *metal*, não se definirem em função da variável sexual ou condicionadas pelas personalidades destes indivíduos. As escolhas individuais e os processos de interação estabelecidos entre mulheres e homens são os elementos que influenciam nestas definições.

De acordo com as entrevistadas no Rio de Janeiro, certas características desse tipo de música as despertaram para a sonoridade e o que ela pode mobilizar no ouvinte, a técnica refinada das linhas vocais, de guitarras, contrabaixo e bateria que exigem dos instrumentistas, mas, principalmente, o diálogo musical que há entre esse tipo de música e as sonoridades locais, no caso, o Brasil.

De acordo com Mariana Torres, técnico em telecomunicações e vocalista da banda *Innocense Lost*⁶, foi “[...] a força e emoção que o *rock* ou *metal* passa que [lhe] atraiu” (informação verbal)⁷. Em concordância com Mariana, a guitarrista do grupo *Tevadom*⁸, Roberta Tesh, acrescenta que as canções do *metal* apresentam determinadas dificuldades de execução que chamam a atenção pelo “nível de dificuldade de tocá-las”, sempre marcadas por “[...] paletadas rápidas, harmônicos, pedal duplo, todas as técnicas que exigem muita, mas muita dedicação” (informação verbal)⁹.

Já Fernanda Schenker, guitarrista da banda *Melyra*¹⁰, diz que

A energia e pegada do rock sempre me chamou atenção. No metal, a qualidade das músicas, letras com temas diferentes dos populares e a técnica mais rebuscada e rápida me encanta até hoje. Além disso, gosto de como esse gênero é receptivo a incorporar elementos de outros gêneros, como fazem [as bandas] Angra e Sepultura, por exemplo, com elementos de música brasileira em suas composições (informação verbal)¹¹.

⁶<http://www.myspace.com/innocenselostbrasil> (Banda Innocense Lost/RJ).

⁷Mariana Torres, técnico em telecomunicações e vocalista da banda *Innocense Lost*. Entrevista via e-mail, no dia 01/07/2013.

⁸<http://www.myspace.com/432950104> (Banda Tevadom/RJ).

⁹Roberta Tesh, negociante autônoma e guitarrista da banda *Tevadom*, em entrevista realizada via facebook, no dia 20/05/2013.

¹⁰<http://www.myspace.com/bandamelyra> (Banda Melyra/RJ).

¹¹Fernanda Schenker, analista de sistemas, guitarrista da banda carioca *Melyra*. Entrevista via e-mail, no dia 31/05/2013.

Mas é Juliane Sousa, historiadora, ex-baterista da banda *Mortarium*¹², que enfatiza sua afinidade com o *metal*, especialmente o tipo que executa, pelo “fato de me permitir extravasar meus sentimentos, tanto bons como ruins”. Percebe-se, então, que esse tipo de música marca as dimensões da alma, dos corpos e das memórias das entrevistadas, quando questionadas sobre como se iniciaram no *metal*, assim como nas execuções apresentadas no palco.

Desta forma, torna-se impossível conceber as definições dessas mulheres como indivíduos dentro do *rock Metal*, a partir da classificação meramente sexual entre macho e fêmea. As condições das mulheres dentro desse tipo de música, não se explicam por formas diferenciadas “através da determinação biológica do sexo dos indivíduos”, conforme Marilyn Strathern (2006) desconstrói em sua reflexão a respeito desse assunto. De acordo com a autora, se pensarmos as definições entre feminino e masculino, teremos tanto no mundo das pessoas quanto das coisas, tipos femininos e masculinos que, “[...] em certos momentos (. . .) podem ser opostas, como pontos de referência discretos para a relação entre elas” (STRATHERN, 2006, s.p).

¹²<http://www.myspace.com/mortarium> (Banda Mortarium/RJ).



Figura 1: Na imagem, a guitarrista Roberta Tesh, da Banda *Tevodom*, tocando em um dos shows realizados em Duque de Caxias, Baixada Fluminense.

Enquanto pessoas que mobilizam e modelam as coisas musicais de acordo com o estilo com que mantêm afinidade, as mulheres aqui citadas, ora operacionalizam os elementos inerentes ao universo do *metal*, como por exemplo, a agenda de shows, as gravações, performances musicais etc., semelhante ao que os homens também realizam. Entretanto, nos modos como se servem dos equipamentos musicais e da imposição vocal, bem como nos compartilhamentos dos estúdios de ensaios, conforme me relatou Roberta Tesh, elas se opõem discretamente àqueles, como estratégia silenciosa, embora efetiva, proporcionando diferenciações.

Se os processos de elaboração de si mesmas em relação aos homens, envolvem aproximações e distanciamentos, pode-se pensar, ainda com Strathern, que essas pessoas são produtos de múltiplas relações que se estendem às coisas por elas mobilizadas, sempre numa constante “[...] transformação potencial na qual podem aparecer como singulares ou diversas” (STRATHERN, 2006, s.p).



Figura 2: Ao fundo da imagem, Julie Sousa, baterista da Banda *Mortarium*, RJ. Fonte: www.facebook.com/Mortarium/photos_stream.

Por isso, observa-se no universo do *metal*, que as mulheres se definem de diferentes formas, de acordo com as interações internas estabelecidas entre si e com os homens. Como são múltiplas, as partes que as compõem são selecionadas, tanto em relação aos comportamentos das demais mulheres, como por influência das situações que envolvem os homens. Um exemplo disso é a forma como Gheise Vasconcelos, autônoma, percussionista da banda carioca *Gangrena Gasosa*¹³, pensa e se define no *metal*. De acordo com a entrevistada, o mais significativo é: “Eu quero saber se eu toquei bem”, declarou (informação verbal)¹⁴.

Durante a entrevista realizada na Livraria Cultura, no centro do Rio, Gheise Vasconcelos me perguntou se as demais entrevistadas me falaram de “machismo” no universo do *rock Metal*. Respondi que, amistosamente, a temática era enfatizada pelas demais interlocutoras. Segundo ela, o “machismo” existe dependendo da forma como

¹³<http://www.myspace.com/gangrenagasosa> (Banda *Gangrena Gasosa*/RJ).

¹⁴Gheise Vasconcelos, autônoma, percussionista da banda carioca *Gangrena Gasosa* em entrevista realizada na Livraria Cultura, Cinelândia, 2013.

cada mulher que toca ou não, impõe-se em relação aos homens afinados com esse tipo de música. Com Gheise, já ocorreu de um homem se aproximar dela e querer tocá-la após um show da *Gangrena*. Ela então conversou com ele e, em seguida, disse-lhe que se a atenção dada não era suficiente, ela dispunha de seis homens, referindo-se aos demais integrantes da banda, que “resolveriam” aquela situação.



Figura 3: Gheise Vasconcelos, percussionista da Banda *Gangrena Gasosa*, RJ. Fonte: Arquivo próprio da artista.

Ainda sobre este assunto, Natália Ribeiro, idealizadora do M.U.C (Movimento Underground Carioca)¹⁵, afirma que os homens no *metal* tratam as mulheres de forma diferente, apresentando-se contidos com a presença destas, mediante o compartilhar das mesmas vivências neste universo musical. Por meio do M.U.C, a interlocutora relatou-me que a presença de mulheres é bem maior do que a de homens, fato que as impulsionam a atrair os homens para o “movimento”, bem como o reconhecimento por parte destes, no sentido de que elas estão fazendo alguma coisa pelo *metal* no Rio de Janeiro.

¹⁵[http://movimentoundergroundcarioca.blogspot.com/\(MovimentoUnderground Carioca /RJ\)](http://movimentoundergroundcarioca.blogspot.com/(MovimentoUnderground Carioca /RJ)).

Já em Fortaleza, a presença de Claudine Albuquerque, estudante de Letras e Música, participante da execução de uma música nos shows da banda *Obskure*¹⁶, aponta as significativas diferenças com relação à presença de mulheres no *rock Metal underground*. Certo dia, mediante conversas informais, perguntei à Claudine se ela compunha ou não o grupo musical citado. A resposta foi dada com um sorriso largo, seguido do relato de que sim, ela se sentia parte da banda; mesmo que não aparecesse na fotografia do disco novo do conjunto musical, lançado em 2012, ou, em certas ocasiões, não viajar para se apresentar junto da banda. Segundo ela, o mais importante era a contribuição como mulher para aquele tipo de som, e o fato de “estar lá com eles”, já se tornava relevante para ela. Vale ressaltar que, Claudine se apresenta como vocalista principal na banda *Nafandus*, cujo tipo de rock não é exclusivamente *metal* (informação verbal)¹⁷.

Mesmo que o conjunto musical cearense *Obskure*, tenha sido o primeiro de *Death Metal* a integrar duas mulheres, embora executando as linhas de teclados, no caso, Cristiane Rocha e Juliana Costa, vale destacar o grupo de *Black metal* denominado *Hecate*¹⁸ com a guitarrista Pagan Prietess, como significativos quanto à participação dessas mulheres no *rock Metal* na cidade.

¹⁶<http://www.myspace.com/obskuredeathmetal> (Banda Obskure/CE).

¹⁷Comentário informal emitido por Claudine Albuquerque no dia 01/11/2013.

¹⁸Disponível em: <<http://metalmilicia666.blogspot.com.br/2009/02/entrevista-hecate.html>>. Acesso em: 07/04/2014.



Figura 4: Claudine Albuquerque, participação especial na banda *Obskure*, Fortaleza.
Fonte: <https://twitter.com/clauontwitt>

INTERFACES ENTRE AS PESSOAS E AS COISAS, OU, O MUNDO DOS *BENS* EM MOVIMENTO

Pensando as mulheres aqui citadas em função das coisas e a relação dos indivíduos com estas, constata-se que como os bens constituem o próprio sistema, conforme afirma Mary Douglas (2009), discriminando ou reforçando certos padrões de produções e territórios onde são alocados, eles reforçam juntamente com as demais esferas sociais as possibilidades nas quais os atores sociais estão imersos, possibilitando diferenciações nas formas como estes são operacionalizados e apropriados pelos indivíduos.

Sendo assim, não seria o comportamento “machista” que povoa o imaginário brasileiro em relação ao Nordeste, especialmente a cidade de Fortaleza, que justificaria uma menor representatividade de mulheres afinadas com o *metal*. Raciocínio parecido pode ser pensado em relação ao Rio de Janeiro, considerada uma cidade vanguardista, amplamente comercializada pelos setores de turismo como colorida e de “espírito malandro”. Não é o fato de o Rio assumir essas características na perspectiva de muitos brasileiros e estrangeiros, que facilitaria uma maior participação de mulheres envolvidas com um tipo de música com presença majoritária de homens, tornando esse universo

menos “machista” ou estas mulheres “para além do seu tempo”. Percebe-se que a explicação está para além de “tipos ideais elaborados pelo senso comum”.

De acordo com as vivências relatadas por estas mulheres, mais do que se diferenciarem entre si e de outras mulheres afinadas com o *rock metal*, elas conectam apenas determinados elementos que as compõem na relação com as demais e os homens, agenciando-os artisticamente sob as perspectivas transcultural, afetiva e política. Os depoimentos de Gheise, Natália e Claudine no tópico anterior, indicam o que elas têm dentro de si, no que diz respeito ao estilo musical ao qual se dedicam, mas, também, os efeitos que elas possuem sobre os outros quanto às suas projeções para homens ou mulheres no *metal*. Estas estão legitimadas nos discursos que as mesmas apresentam, seja evocando que as mulheres não se concebiam apenas pelo aspecto estético, no cuidado dos homens para com elas ou nos sentimentos de pertença. Mesmo que esta pertença não esteja registrada oficialmente na fotografia de um tipo de bem material no *metal*, no caso o CD do grupo fortalezense *Obskure*.

Se atentarmos para os discursos trazidos pelo boletim Roque Pense!¹⁹ distribuído em um determinado show que frequentei na Baixada Fluminense, observa-se que o mesmo reivindica a participação feminina no Rock, não apenas no *metal*. Percebe-se no panfleto, um conteúdo imagético e escrito, totalmente diferente daquilo descrito por Brandini (2007), que exponho a seguir:

Quanto às meninas, o que podiam ser? As letras de heavy metal [referindo-se ao *rock Metal*] entre outros estilos de *rock*, concebiam a mulher como devoradora de homens, a feiticeira sensual ou a escrava dos prazeres cruelmente oferecidos por seus senhores, os membros da banda. Dessa forma, a mulher era instrumento de afirmação do homem junto a seus pares, enaltecendo a vaidade machista. A mulher também era objeto de status e de demonstração vulgar de poder [...] refletindo a total transformação da alteridade sexual em identidade social (BRANDINI, 2007, p.29).

Com uma maior participação das mulheres no universo do *rock metal*, principalmente a partir dos anos 1990, as identidades de gênero adquiriram novas significações mediante os posicionamentos no que concerne à desconstrução de perspectivas que tem nas explicações biológicas, as justificativas para as desigualdades e violências contra a mulher.

¹⁹Para maiores informações: <https://www.facebook.com/RoquePense> (Festival Roque Pense!).

Mesmo sendo um panfleto político, a ideia do pequeno informativo alude às definições das mulheres roqueiras quanto às relações entre si e com os homens, numa constante alusão à multiplicidade da qual cada uma é constituída e como essas partes que configuram esta multiplicidade devem ser acionadas visando um novo entendimento a respeito do feminino e do mundo que o cerca.

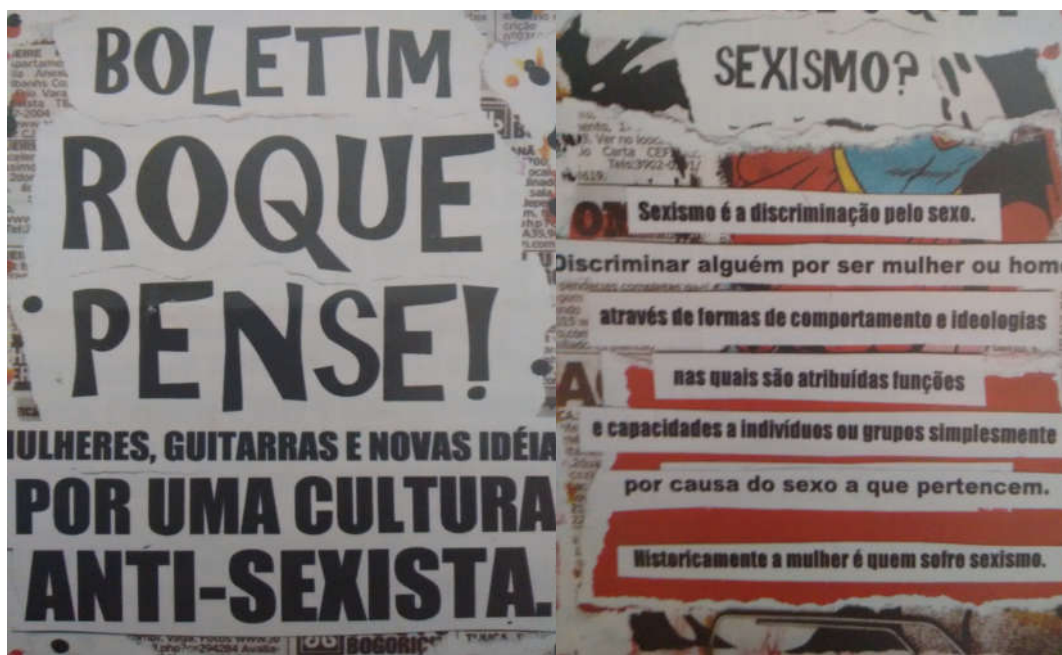


Figura 5: Imagem do Boletim Roque Pense! distribuído em um dos shows na Baixada Fluminense, RJ.

Sejam estas mulheres organizadas em formato de banda ou plateia, estabelecem diálogos entre as formas como elas se inserem nos contextos culturais das cidades de Fortaleza e Rio de Janeiro, as variáveis simbólicas e materiais que as caracterizam, como se dão as afinidades e diferenciações com os homens que compõem a maioria nesse estilo musical, tornando significativas as dimensões das masculinidades e feminilidades plásticas que caracterizam esses atores sociais.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: *as mercadorias sob uma perspectiva cultural*/ Arjun Appadurai; Tradução de Agatha Bacelar – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- AZEVEDO, Cláudia Souza Nunes de. Subgêneros de metal no Rio de Janeiro a partir da década de 1980. In: Cadernos do Colóquio 2004 – 2005, p. 18 – 30.
- BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. Editora Olho d'água/FAPESP: São Paulo, 2007.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*/ Nestor García Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- CARBONIERI, Leonardo Campoy. *Trevas na cidade: o underground do Metal Extremo no Brasil*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGSA, 2008.
- COSTA, Cláudia de Lima. O leito de Procusto: *gênero, linguagem e as teorias feministas*. In: Cadernos Pagu, 1994, p. 141-174.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009.
- EUGENIO, Fernanda. **Corpos voláteis: estética, amor e amizade no universo gay**. In: *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGENIO, Fernanda. (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 7-39. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>.
- KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: *a mercantilização como processo*. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008, p.89-124.
- LEÃO, Tom. *Heavy Metal: guitarras em fúria*. São Paulo: Editora 34, 1997.(Coleção Ouvido Musical).
- LOPES, Pedro Alvim L. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade melanésia. André Villalobos (trad.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.